# Me da o contexto - 31/05/2024

Nossas investigações se encontram em uma situação na qual há uma linguagem que  
é usada para nos comunicarmos, mas não sabemos ao certo o que é compreendido  
nas interações entre falantes e ouvintes. Na base dessa linguagem há termos  
que devem ser entendidos pelos envolvidos, isto é, há termos com  
\*\*significado\*\* e eles se combinam para formar frases e períodos maiores que  
expressam grandes pensamentos.  
  
Porém, o fato de haver significado em um termo ou em expressões linguísticas  
não quer dizer que, para cada um deles, o significado é único ou que ele é  
interpretado da mesma forma pelos emissores e receptores, isto é, pelos  
participantes de uma conversa ou aqueles a ela associados.  
  
Nós podemos, então, caracterizar uma conversa como um recorte de uso da  
linguagem por aqueles que estão a ela associados. A conversa se dá pela  
interação entre os associados e, fundamentalmente, por um \*\*contexto\*\*  
compartilhado, porque se não há esse contexto no qual todos se inserem, já se  
pode considerar que o elo interpretativo está quebrado.  
  
Delimitando esses elementos principais: a conversa, o contexto e os  
associados, ao pensarmos em uma ordem de precedência entre eles já poderíamos  
contribuir com uma possibilidade de esclarecimento da viabilidade da  
comunicação no que tange à compreensão[i]. Mas, saber esses elementos são  
suficientes é ponto para verificação.  
  
De toda forma, o significado é condição \_sine qua non\_ para a compreensão, mas  
a mola mostra é saber até que ponto ele deve estar \_fixado\_. O significado  
pode se confundir como uma “entidade” que emerge da conversa, como se  
referindo a algo ou como basicamente uma coisa inerente à própria linguagem.  
  
É aqui que nossa análise dá um salto: partirmos das condições pelas quais uma  
comunicação ocorre, que é a união de associados em torno de conversa que tem  
um contexto, para que possamos investigar de que modo a compreensão se dá,  
como o significado é entendido. E delimitamos os três caminhos citados acima.  
  
De fato, não são três, mas dois caminhos: um que o significado é “algo”, outro  
que o significado se confunde com a própria linguagem, com as regras de uso da  
linguagem. Podemos chamar a primeira abordagem de metafísica por ter que  
tratar do algo, já a segunda é a abordagem gramatical de Wittgenstein, sendo  
que ela é fortemente dependente do contexto, mas muito dinâmica e, de acordo  
com Kripke, não garantidor.  
  
Nós queremos fazer uma análise da linguagem que não caia em armadilhas  
metafísicas e concordar com Wittgenstein na análise dos usos da linguagem; o  
que algo significa é dado por seu uso e fortemente marcado pelo contexto.  
Ocorre que Kripke pontua que o contexto não pode garantir o uso porque, dada a  
variância do contexto, haveria uma “livre interpretação” do significado.  
  
Aí haveria uma dificuldade de concordância e voltamos ao princípio. Embora  
essa flexibilidade não seja de todo ruim. Por outro lado, um mínimo de  
explicabilidade é importante para resolver as disputas, mesmo aquelas da vida  
ordinária.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Sobre esses termos, em 19 de maio de 24 o ChatGPT-4o nos responde assim:  
“Comunicação é o processo de \_transmitir\_ informações, ideias ou sentimentos  
entre pessoas. Compreensão é o \_entendimento\_ ou a interpretação correta  
dessas informações, ideias ou sentimentos recebidos. Em resumo, comunicar é  
enviar uma mensagem; compreender é decodificar e entender essa mensagem.”